



## *Arandu rape – o caminho da sabedoria kaiowá*

Celuniel Aquino Valiente<sup>1</sup> (PPGAS/USP -  
celunielvaliente@gmail.com)

**Resumo:** Este pequeno texto aborda uma síntese da minha vivência como Kaiowá e morador de uma reserva indígena em Mato Grosso do Sul. O tema tratado é sobre a sabedoria kaiowá e a sua produção, destacando os conhecimentos das pessoas mais experientes e dos jovens *yvyra'ija*, que seguem os caminhos dos seus mestres (avôs ou avós). Falo desde o meu local de moradia, na Reserva de Amambai, MS, onde vivem muitos coletivos Kaiowá e Guarani, com mais de 11 mil pessoas, provenientes de vários *tekoha* de onde foram expulsos no século passado. O esforço é entender como o conhecimento necessário à leitura e compreensão do mundo é transmitido entre as gerações, sempre levando em conta as relações desenvolvidas nos coletivos parentais e nos círculos de aliança.

**Palavras-chave:** Kaiowá. Conhecimento. Caminho da sabedoria indígena.

## *Arandu rape - the way to wisdom kaiowá*

**Abstract:** This short text addresses a synthesis of my experience as a Kaiowá and resident of an indigenous territory in Mato Grosso do Sul. The topic is the Kaiowá wisdom and its production, highlighting the knowledge of more experienced people and young *yvyra'ija* who follow the paths of their masters (grandfathers or grandmothers). I depart from where I live, in the Amambai indigenous territory, at the Mato Grosso do Sul state, Brazil, where many Kaiowá and Guarani collectives live with more than 11 thousand from different indigenous territories (*tekoha*) they were expelled in the last century. The effort in this article is to understand how the knowledge necessary to read and understand the world is transmitted between generations, always taking into account the relationships developed in parental collectives and circles of alliance

**Keywords:** Kaiowá. Knowledge. Path of indigenous wisdom.

### **1. Ore ndaha'êi ava ofïva: não somos tímidos**

O Kaiowá, em geral, se sente intimidado pela falta de conhecimento - *otĩ*. Por outro lado, os *ñanderu* e as *ñandesy* criticam pessoas arrogantes (*tapicha ñemoĩ*), especialmente aqueles que fingem que sabem tudo (*hi'arandu gua'u*), que se colocam acima dos conhecedores (*o'apo'ï jarikuérapy*) ou daqueles que buscam conhecimentos e caminhos para seus grupos familiares (*ombojojawa teko kuérape*<sup>2</sup>). *Iñemoĩ tekove* (pessoa que se coloca acima dos seus anciãos) é a crítica mais recorrente a quem não se dedica a buscar os conhecimentos dos seus antepassados (*ava arandu tee*).

<sup>1</sup> Mestre em antropologia pelo PPGAnt/UFMG. Atualmente, doutorando em antropologia pelo PPGAS/USP.

<sup>2</sup> Articulador.



Muitos Kaiowá são tímidos ao saírem do seu grupo familiar, por se sentirem despreparados para lidar com os conhecimentos de fora (*ndoikuaái teko joja ha teko joja'y<sup>3</sup>*). E isso afeta profundamente as pessoas indígenas, pelo motivo de não conseguirem saberes suficientes e fundamentais para poder produzir relações saudáveis com os diferentes (*noñe'ëri kuaái jára kuéra ndie<sup>4</sup>*). Pessoas tímidas não conseguem sair do seu lugar (*Tapicha otĩva ndohoséi moõve*).

As reuniões mais gerais, como as *aty*, por exemplo, são espaços onde é recomendado assumir uma posição de cautela, sem se sobrepor à fala dos demais, como se soubesse mais que elas. Falar pouco, pensar bem o que vai falar, valorizar a fala dos que o precederam são atitudes moralmente positivas e agregam crédito ao discurso. Neste sentido, a hesitação na fala e uma certa timidez são reconhecidas como elementos positivos, demonstrando respeito e educação. A timidez só não é positiva quando é paralisante, ou seja, quando impede que a fala se expresse. Por outro lado, constitui falha grave interromper a fala dos outros, sinal de desrespeito e atitude invasiva. Essa falha é muito observada no modo do *karai* se expressar, sempre tentando usar a fala para se impor sobre os outros. Mas essa atitude condenável também aparece entre os próprios indígenas, nas reuniões onde estão representantes de vários coletivos ou comunidades. Se a pessoa que se impõe ocupa uma posição de poder, por exemplo quando é o capitão da reserva, a pessoa que foi interrompida na fala se cala, abaixa o olhar e se recolhe. Essa atitude gera mágoa e ressentimento, podendo gerar o *ñemirõ*, atitude desconstitutiva das redes de aliança entre pessoas e grupos.

Outro espaço, onde acontece também o *otĩ* é na escola indígena, quando uma pessoa da Secretaria de Educação ou o próprio gestor indígena impõem sua fala acima dos outros (professores indígenas), intimidando, assim, os que estão aí, impedindo os demais presentes de expressarem suas ideias.

A imposição causa *a'e'y* (começam a odiar esta imposição) entre pessoas, provocando grande crise nas relações sociais. Apresento outros exemplos de *otĩ*: a) Quando a criança se encontra com um desconhecido, ela começa a chorar ou entra na casa, evitando relação com esse estranho (*hi'otĩ*); b) Quando um jovem não fala ou fala pouco em uma universidade, ele é *otĩ*, que não consegue lidar com o estranho. Por isso, o *mitãrusu* (jovem) universitário deve

---

<sup>3</sup> Conhecimentos sobre os bons e maus modos.

<sup>4</sup> Não sabe se comunicar com os diferentes donos.



procurar um meio para se encaixar e se habituar com esse ambiente de fora, como dizem muitos *ñamõinguéra* (os avôs), pois no mundo kaiowá tem jeito para tudo.

Os *ñamõinguéra* dizem que foram produzidos preconceitos sobre os Kaiowá, de que nós somos *otĩ* (tímidos, ariscos, despreparados). Relembra muitos comentários por parte de outros indígenas e até do mesmo grupo, de que o nosso povo fugia da colonização e do processo do reservamento porque era muito *otĩ*. Entretanto, *ñande ndaha'úi ava otĩva* (nós não somos indígenas despreparados), pois nossos antepassados estabeleciam muitas relações com seres distintos, e essa arte da comunicação com outros seres, os antigos deixaram aos seus descendentes que estão até agora em vários *tekoha* kaiowá.

Resumidamente, *(je)otĩ* é o despreparo e a falta de saber lidar com o estrangeiro (*mombyrygua*), com o estranho. Esse despreparo afeta muitas coisas, como, por exemplo, quando um jovem entra numa mata para caçar, e não tem suporte de defesa, caso encontre com o *ka'aguy jára* (dono da floresta), acaba afetando-o negativamente ou levando-o ao mundo dos seres da mata (*ojuka chupe*), ou seja, pode morrer. Nos tempos antes da colonização, os Kaiowá produziam saberes que denominavam de *tihã kuéra*. O *tihã* é uma forma de intimidação para evitar o desrespeito por parte do outro, ou seja, é um modo defensivo do Kaiowá contra o estranho ou violador das regras do *joja kuéra* (modos kaiowá). Entretanto, as *jari kuéra* dizem que os jovens não procuram mais conhecer os *tihã kuéra* e, por esse motivo, sofrem muito na cidade (*tekoha karai*), pois não sabem se defender neste mundo estranho (*ndoikuaái karai tihã*), já que desconhecem as rezas (tradicionais) que permitem lidar com o branco - *ndoikuaái karai tihã*.

Por outro lado, os mais antigos não conseguem mais ensinar os seus conhecimentos para os *mitãrusunguéra*, porque, na maior parte do tempo, os jovens frequentam escolas, universidades, trabalho assalariado e trabalho na fazenda. E esse tempo fora impossibilita para o *ñamõĩ* e a *jari* realizarem seu trabalho de instigar os seus *pyahukuéra* (jovens de hoje) na educação tradicional.

E se essa instituição da educação continuar sem dialogar com os especialistas tradicionais, não se tem nenhuma ideia do que esses jovens vão se tornar futuramente. Mas os conhecedores disseram que vão se tornar *karai huvete* (brinquedo dos brancos).

Em minha opinião, a educação escolar da aldeia deveria dialogar com os conhecedores tradicionais indígenas, para que juntos reflitam a respeito dos *mitãrusunguéra* e seus



ensinamentos, capacitando-os para circular no mundo dos brancos e nos mundos dos *jára kuéra*. E se essa instituição da educação escolar continuar sem dialogar com os especialistas tradicionais, não se sabe, efetivamente, o que esses jovens vão se tornar futuramente. Mas os conhecedores dizem que, ao continuar esta situação, os jovens se tornam *karai huvéte* (brinquedo dos brancos), pois não poderão se defender na presença dos *jára*, e os outros vão fazer o que quiserem com a futura geração dos Kaiowá. Os *ñamõi* e as *jari* estão disponíveis para ensinar os seus conhecimentos, mas os *py'ahukuéra* andam ocupados demais e sem se preocupar com os conhecimentos dos seus antepassados. Porém, esses conhecedores estão preocupados: *Rojepyapy ñande ra'ykuéra, ñande rajukuérare, ha jari imembykuéra rehe*.

Essa frase em kaiowá demonstra a preocupação dos mais experientes; *py'a* é coração (localizado no peito do Kaiowá) e *py*<sup>5</sup> é algo que não está saudável; o *py* incomoda diariamente o *py'a*. Por isso os *ñamõi* e as *jari* não estão bem, pois percebem a impossibilidade de ensinar os seus saberes aos seus jovens (*py'ahukuéra*).

## 2. *Ava japysaka katu*: Saber ouvir

O caminho para buscar a sabedoria (*arandu*) está relacionado ao ato de saber ouvir (*japysaka katu*). Deve-se acordar cedo (*pyharevete*) e tomar mate com a *jari* (avó) e com o *ñamõi* (avô), os quais detêm aquilo que os *mitã rusu kuéra* devem alcançar. Nestes momentos, os mais velhos contam seus conhecimentos e ensinam (*hi'arandu omembe'u*) a seus filhos e suas filhas sobre a vida e suas relações com os outros na Terra.

*Japysaka katu* é a atitude necessária para se chegar ao *arandu*, ou seja, saber ouvir – *hendu* - o tempo e o espaço - *ára* - e, sobretudo, priorizar a fala de quem ensina (*rehendu kuaa ñe'ẽ porã*). O *rete* (seu corpo) precisa de ensinamento para que consiga viver com os diferentes seres (*oiko kuaa haguã*). Existe um tempo em que a pessoa deve apenas ouvir, em seu grupo familiar (*óga ygua kuérapy*); é um momento em que adquire a experiência e a sabedoria das pessoas mais experientes do seu *te'yi* (*ñañemoarandu haguã*).

Este processo de ouvir dura até os 20 anos de idade. Alguns aconselhadores disseram que a busca do saber ouvir leva a vida toda, mas o mais básico sobre a vida, com a dedicação daquele

---

<sup>5</sup> *Py* pode ser também o pé. *Py'apy* é preocupação, agitado, movimentado, ou algo que não está em paz.



que quer conhecer, leva até 20 anos (*oiko kuaa haguãmi*). E os *oikuaaséva kuéra* devem estar, todos os dias, com seus *ñamõinguéra* e com suas *jari kuéra*.

*Japysaka katu* depende, também, das *ayvu kuéra porã* (os não indígenas chamam de alma). Aquele que sabe ouvir tem uma *ayvu* que cuida dele durante o sono e o avisa ou o acorda no momento em que ouve algo estranho se aproximando, no lugar em que está dormindo. Os mais experientes falam do *ndokepaiva*, pois nem todas as *ayvukuéra* estão ausentes do corpo, pois um sempre fica cuidando do *tapicharetére* (corpo da pessoa).

### **3. *Ava kuéra okirirĩ kuaa arã*: O momento do silêncio (saber calar)**

Os *ñamõi* e as *jari* sempre falam para ficar em silêncio diante de uma pessoa arrogante ou do xingamento (*ja'ó*) por parte de outro *tapicha - jakiriri kuaa arã*. Devemos buscar controlar as *guyra kuéra* (nossas consciências) ferozes que estão assentados em nosso corpo e fazer com que prevaleçam as *ayvu porã*, ou seja, devemos priorizar os modos corretos e bons de ser (*teko porã*).

Os *tapicha kuéra*, que não sabem silenciar, não conseguem chegar à etapa de vida chamada pelos não indígenas de terceira idade. A pessoa que não tem conhecimento do saber ouvir e do fazer silêncio não alcança a sua experiência mais elevada (*Nokirirĩ kuaáiva ndohapytyri itujakue, ha omano ipyahu reheve*). E muitos aconselhadore enxergam isso tudo no contexto das reservas kaiowá em Mato Grosso do Sul, pois a grande maioria dos *mitãrusu kuéra* de hoje não passou pelos processos de ensino indígena (*ñande reko ñembo'etépe*). Por esse motivo, atualmente, acontecem muitos conflitos (*ae'y*) entre os *oga ygua kuéra*.

A terceira idade não é feia para o Kaiowá, pois é o período da vida em que inicia a viver a perfeição (*aguyje*), uma vez que os idosos já sabem que o próximo passo é *ojeroyva* (a subida para o *tekoha* principal, no patamar celestial, com o sentimento do dever cumprido no plano terrestre, uma vez que já chegou na curva da subida que vai na direção do *tekoha* dos seus antepassados). A chegada nesse contexto é sinal do alcance da sabedoria diversa deixada pelos nossos antepassados: *Ombokakuaápama ta'yra kuérape, ha ko'anga ojupitama ñandevusu hape* (Os filhos já estão grandes e sábios, agora ele já vai subir seguindo o seu pai maior.). Mas o resultado da sua jornada em cima da terra passa pelo *kirirĩ kuaa* (saber calar).

Existem momentos em que devemos ouvir as coisas que a gente não gosta e também vencer o nosso lado briguento, calando os *ayvu vai* (pensamentos ruins sobre os outros ou



consciência maldosa sobre o outro). Não devemos valorizar as *ñe'ẽ rei* (falas feias, que ofendem, que geram conflitos), devemos vencer pelo silêncio inteligente – *jakirirĩ kuaápe*.

Os nossos antepassados nos ensinam esses processos de ser Kaiowá, mas devemos levar a sério, concluindo a aquisição do básico, conforme eles falam, até os 20 anos de idade. Eles detêm esses saberes e os usam diariamente em seus aconselhamentos, em seus *joapyty kuéra*. Para afastar uma crise nas suas casas (*róga kuéragui*), devem, obrigatoriamente, se valer desses conhecimentos, deixando o silêncio resolver a relação conflituosa: *Ekirirĩnte chugui, ha'e peichagua oĩ*. Pessoa sábia *osipara crisegui* (o Kaiowá foge da crise). A crise também pode ser resolvida pelo *ñembo'é*, um conhecimento de comunicação que o conhecedor realiza com os antepassados ou *jára kuéra*, os quais ajudam a esfriar a crise existente no *tekoha* - *Ñamboro'y ñande ogayguakuérape*. Mas os mais velhos sempre alertam para fazer silêncio, para não aumentar o fogo na crise. Quando uma menina começa a menstruar entra em uma fase de *kirirĩ kotýpe* (silêncio dentro da casa), para que nenhum ser estranho se aproxime dela. Deve fazer trabalho doméstico em silêncio dentro da casa e não pode sair sem a permissão da sua *ruvicha* (avó). Se esse resguardo não for realizado, o grupo entra em crise, pois a menina pode ser raptada por algum ser, e pode sair do *tekoha*, com a possibilidade de não voltar nunca mais.

Assim, o que evita ou revolve a crise é o conhecimento dos antepassados. Sem esse suporte, o grupo familiar se esparrama – *osarambipa*, pois não possui nenhum saber para lidar com qualquer outro ser ou situação.

#### **4. Ñambo'etekuaárã ñande jekoha<sup>6</sup> kuérape: sabedoria do reconhecimento**

*Mbo'ete* significa reconhecimento, e *kuaáva* é aquele que sabe. O *tapicha oikuaáva* (sábio) deve saber reconhecer o outro, principalmente o seu *ñamoĩ* e a sua *jari*. Antes de tudo, ele deve ter consideração e reconhecimento pelos pais (*Rembo'ete arã nde sy ha nderúpe*). Não só o reconhecimento pelas pessoas experientes do seu grupo familiar, mas também por todos *yvypóra kuéra* (terráqueos) existentes em nosso mundo.

Aquele que sabe das coisas (*oikuaáva*) aconselha diariamente esse processo. E antes de iniciar o ensinamento, ele enfatiza a necessidade de ter respeito pelo outro - *jehechakuaa haguã tapicha kuérape* - para ter consideração por todo mundo. O aluno deve sempre se lembrar do

---

<sup>6</sup> *Jekoha* é esteio, suporte, articulador do grupo familiar.



seu professor, pois o *mbo'éhára* lhe ajuda a caminhar por lugares desconhecidos e lhe ensina como circular nele (*jeguata kuaa haguã*).

Os mais sábios dizem: *Rehecha kuaarã itujavevape ha ipyahuvape, oĩvaguiepe* (respeitar e ter consideração por todo mundo: criança, jovem, velho, velha, etc.). Deve-se reconhecer todo mundo, e isso vai produzir *py'a potĩ* no mundo. *Mbo'ete* é ato de sabedoria, de lembrar e demonstrar a sua origem, pois *jarikuéra e ramoĩnguéra ombo'ete tapicha yma ha avei reko kuéra* (nossos avôs e nossas avós reconhecem e valorizam os ascendentes e também os seus conhecimentos).

Atualmente, os jovens que não passaram por esse processo acabam se tornando muito arrogantes e desrespeitosos (*tekove pochy*), e não conseguem reconhecer nem seu pai, nem sua mãe. Minha mãe e meu pai falam para engrandecer quem ensina o *ñande reko*, e também os professores não indígenas, que, em nosso *py'ape* (“coração”), os levamos pela vida toda.

*Py'a* se encontra no peito da pessoa, e ali se localiza o seu saber, sua capacidade de reconhecimento, o sentimento da sua experiência com *tapichare kuéra* e com quem compartilha interações sociais. Caso alguém o ofenda, o seu *py'a* se agitará e causará grande crise em sua mente (*che mbopy'a rasy*). *Ani pembopy'a rasy tamõi kuérape, ñambo'ete arã chupekuéra* – “Não pode desrespeitar e ofender nossos anciãos, devemos reconhecê-los pelo seu grandioso saber”. A falta de reconhecimento causará crise na relação social em seu *ogaygua kuéra* (família extensa). Os sábios dizem: *ani pembopy'arasy tapichápe* (não se pode desrespeitar), porque pode receber dele um *pajé vai* ou *ñembo'é vai*. *Ñembo'é vai* é uma prática de comunicação com o sobrenatural para fazer mal ao outro; por exemplo: uma pessoa pode se comunicar com o dono da meia noite (*pyhare pyte jára*), com a intenção de afetar ou matar o integrante de outro *ogaygua*.

##### **5. Hi'arandúva (sábio/a)**

Segundo os *ñamõinguéra* e as *jarikuéra*, os mais experientes possuem mais bagagem de conhecimentos; é o que eles nomeiam como *oikuaáva* e *hi'arandúva*. Mas os/as avós mais velhos do *joapyty kuéra* (família extensa) não se autonominam como *tapicha oikuaáva*, pois sempre têm outros com mais experiência que eles e que podem ensinar algo que ainda não sabem. Eles não são, portanto, *iñemoĩ tekove*.



Alguns aconselhadores disseram que depende do contexto de cada *tapicha*; por exemplo: tem *mitãrusu* com mais conhecimento do que um velho (*ramõĩ gua´u*), e especialmente aquele que está no processo do ensinamento do *ñande reko teépe* (ensinamento de nossos modos *ava*). Mas o mais indicado por muitos é ouvir sempre o mais velho, pois ele já viveu bastante em cima da terra (*oiko arevema yvy ári*). Os jovens a quem são ensinados *ava reko te´epe* (modos kaiowá) priorizam ouvir os mais velhos e as mais velhas, porque os seus *ñamoĩ* (que ensinam) os aconselham a caminhar nessa direção. A expressão *ramõĩ gua´u* é muito frequente no contexto da reserva, porque neste tipo de assentamento foram reunidos muitos grupos de origens diferentes<sup>7</sup>. E esses grupos estão em constantes conflitos, criando muita fofoca entre si, menosprezando os *ñamoĩ e as jari de outros ogaygua kuéra*, chamando-os de falsos.

Os outros seres também são considerados sábios, tais como: *jaguarete* (onça), *jára kuéra* (diversos donos), *aguara* (lobo), *ka´i* (macaco), *mborevi* (anta), etc. Cada um desses seres dispõe de seu *arando ita*, ou seja, o princípio da sabedoria específica. Uma das sabedorias da onça é saber imitar qualquer coisa, diferentes seres, e até pode imitar a fala do *avakuéra ñe´ẽ* (do Kaiowá). Os *jára kuéra* são os donos e têm muito conhecimento em várias coisas, como por exemplo: produzir miséria ou jogar praga nos Kaiowá. Isso acontece por causa do desrespeito aos *jára*, no interior da mata (*ava motĩha*). É importante frisar que todas as existências têm as suas habilidades para circular e viver no plano terrestre, ninguém se encontra por acaso no *yvy ári* (em cima da terra), cada ser tem o seu dono e esse que cuida tem grande poder, que é a própria sabedoria.

Os Kaiowá devem aprender com os outros (*ñahendu kuaárã mombyryguape* – ouvir os conhecimentos que vêm de longe). Historicamente vem acontecendo essa aprendizagem e alguns, hoje, detêm variedade de saberes aprendidos longe do seu *ogaygua kuéra*. Alguns falam que o conhecimento de caça (*jembarika*) foi ensinado pelo *jaguarete ypy* (antepassado da onça), que existia em uma época em que nossos ascendentes (*Pa´i Kuara* e *Jasy* – lua e sol) conviviam com estes seres, compartilhando muitos conhecimentos entre si.

---

<sup>7</sup> O Estado brasileiro criou a Reserva de Amambai em 1915, e depois começou a reunir compulsoriamente centenas de comunidades que viviam esparramadas no Sul de Mato Grosso do Sul, deixando as terras livres para ocupação colonial. Para saber mais, ver BRAND (1993).





## 6. *Omoñe'ẽkuaáva, oñe'ẽkuaáva: O saber da comunicação*

*Omoñe'ẽkuaáva* é aquele que faz o objeto se expressar. As *jari kuéra* e os *ñamõinguéra* têm muitos aliados com quem compartilham conhecimentos, e eles devem saber chamá-los e fazer com que os outros se relacionem. Também os objetos usados pelos aconselhadores têm *ayvu*, e os *omoñe'ẽkuaáva* ouvem e entendem as falas deles. Estes objetos são: *mbaraka* (chocalho), *mimby* (apito), *takuapu* (bastão grosso de taquara), *chiru* (cruz), etc.

É através destas vias de expressão, acima mencionadas, que os sábios conseguem se comunicar com *os jára kuéra* e, especialmente, com os seus antepassados. As *ayvu kuéra* dos artefatos kaiowá mediam as relações, ajudando os conhecedores a chegarem a diferentes planos: *ka'aguy jára rekohápe*, *so'ó jára rekohápe*, *jakaíra rekoha*, etc. (dono da mata, dono de animais de caça, dono de alimentos, etc.).

Os mais experientes ensinam aos seus descendentes a falar de modo correto, ou seja, a expressar os saberes ao se comunicar com as outras existências. *Jari ha ñamõi omoñe'ẽkuaa opamba'é* (Os anciãos falam com qualquer coisa). Existem códigos específicos para cada *jára* (dono), que se parecem com as línguas de diferentes países.

*Oñe'ẽkuaáva* é aquele que sabe falar ou que tem facilidade na comunicação oral (*mongetakuaáva*). A arte da comunicação do Kaiowá chama-se *ñembo'é*. A partir desta arte é estabelecida a relação com diferentes existências, tais como: com *ka'aguy jára* (dono da mata), *yjára* (dono do rio e lago), *so'ó jára* (dono da carne de caça), *kokue jára* (dono dos alimentos da roça), *pytũ jára* (dono da noite), etc.

Assim, o *tapicha* que sabe falar é aquele que tem *ñembo'é*, em diferentes áreas da vida social e política, pois, a partir desta comunicação, ele consegue levar a sua *ogaygua kuéra* até a morada principal (*marane'yme*). *Ñembo'erupi oñemboro'y ñande re'ýi kuéra* (o bom viver se produz com *ñembo'é*). Para se efetivar o *teko joja* (relação simétrica, harmoniosa, justa) precisa de *ñembo'é*, e esse conhecimento deve-se adquirir, buscando-o diariamente.

## 7. *Ombo'éva ha omombe'úva arandu yma: Aquele que ensina a sabedoria ancestral kaiowá*

O *ñembo'é* é repassado para quem se propõe e se dedica a seguir o caminho do seu *ñamõi* e da sua *jari*. A prática destes saberes não é ensinada para todo *tapichakuéra* de uma *ogakuéraygua*, pois os conhecedores escolhem pessoas dedicadas e certas (*heko*



*oguerotuicháva*), pois, segundo eles dizem: *ñembo'é ndaha'ei ñembojaruva* (com o conhecimento kaiowá não se pode brincar).

Um *tekoha* é reconhecido pelo conhecimento do *ñamoi guasu* e da *jari guasu*, ou seja, pela sabedoria que essas duas pessoas detêm. Assim, a todo momento chegam *tapichakuéra* de diferentes aldeias para dialogar com esses conhecedores. Os ensinamentos sobre a vida e a relação com os outros sempre passam por eles, e as formações kaiowá que produzem se efetivam com muito sucesso.

Quando alguém chega a qualquer *joapytykuéra* (família extensa) e pergunta quem sabe sobre o *yaguare* - os não indígenas chamam de mito, conforme análise do Lévi-Strauss (1997) -, todos vão apontar seus *ñamoi* e em suas *jari*, e vão destacar para quem eles contam com mais frequência, ou seja, apresentam o seu *yvyra'ija* (aluno e ajudante).

*Omombe'uva* é alguém que sabe o conhecimento do seu antepassado, e também tem a arte de contar e ensinar, a partir do *aranduyma*. A maioria dos aconselhadores começa a instruir a partir da morte do antepassado mais antigo, ou seja, de quando o *Ñanderuvusu* (ascendente mais antigo) morreu e a esposa começou a segui-lo até a morada principal. Esta história é longa e pode levar a vida toda para saber com detalhes, e, às vezes, até os mais experientes não conseguem explicar detalhadamente. O relato do *yaguare* explica todo movimento da existência e da vida dos Kaiowá no mundo.

## 8. *Mbohesáva*: olhos da aldeia

O *mitarusu* (jovem), ao entrar na mata, não consegue enxergar muita coisa (*ndahesaporã*), pois está ainda em processo de aprendizagem (do ensinamento mais básico). Quem dá essa visão às pessoas do *che rogaygua* (meu grupo familiar) é o *ñamoi* ou a *jari*, que tem uma lanterna invisível (*ombo'esape*), que possibilita ver todas as coisas e até pode prever o que irá acontecer futuramente (*hechakáry*).

Esses conhecedores, além de ter *tapysa katu* (bom ouvido), têm também *tesa porã* (olhos que podem ver tudo). Eles conseguem ver e ouvir qualquer ser que está se aproximando do seu *tekoha*. Lembrei-me de uma *jari*, chamada Ña Teresa, que era cega e tinha uma filha adotiva (*hembimbokakuaa*). Ela falava para a filha como se a estivesse observando com seus olhos: *Rohecha hina che memby*. Ela vigiava a filha como se não estivesse cega, em seu serviço doméstico e na relação e circulação em sua aldeia.



Esses *hi'arandúva kuéra* são ouvidos e olhos da sua família grande (*hóga yguapy*), são *jekoha* (esteios) que guiam seus grupos familiares pelos caminhos desconhecidos e cheios de perigo para chegar ao *tekoha marane'y rape* (*tekoha* sem males). A Terra é um caminho para chegar ao *tekoha* principal, que se encontra no mais alto patamar da cosmologia kaiowá. Sem eles, estaríamos perdidos, sem nenhuma chance de reencontrar os nossos antepassados lá no *tekoha* principal.

*Ñande jari ha ñane ramõi ombohesáva ñande raperã, avei ombohesa imembykuérape ha ta'yraquérape, pono iñepytũ heko kuéra ko yvy ári* - “Os nossos pais mais experientes ensinam e iluminam nossos caminhos, e ensinam os filhos e as filhas a terem visões para não se perderem nesta jornada em cima da Terra”. Essas pessoas experientes produzem pessoas sábias, que nos possibilitam observar com muita visão, ouvir bem e falar com *arandu ete* (sabedoria kaiowá). Assim, devemos buscar a sabedoria do nosso antepassado e, sobretudo, valorizar o seu guardião.

### Considerações finais

Educar a atenção, saber ouvir o tempo, esperar o momento preciso para se expressar são componentes necessários à pedagogia kaiowá. Só se alcança a sabedoria a partir da disciplina aplicada no ouvir, situando os conhecimentos no tempo, amadurecendo-os. Só depois de devidamente maturados, os conhecimentos podem, apropriadamente, se expressar em palavras.

A disposição de se calar e de ouvir é, para a criança e o jovem, uma atitude necessária. Não se trata de uma atitude passiva, mas de um recurso ou caminho para se acessar a sabedoria - *arandu*. A falta de moderação, o descontrole ou exagero e o desequilíbrio na fala é tida como grave falha e coloca o sujeito sob séria suspeita moral. A palavra emitida gera efeitos inevitáveis, daí a necessidade de usá-la com cuidado e cautela, colocando-a como veículo para objetivos sinceros e positivos.

Para chegar a esse grau de maturidade no uso da palavra é necessário passar um longo período assumindo a atitude de aprendiz, um aprendiz das palavras sábias.



### Referências

BRAND, Antônio. J. 1993. *O confinamento e seu impacto sobre os Pãi-Kaiowá*. Dissertação de Mestrado em História, Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1997 [1962]. *O pensamento selvagem*. Tradução de Tânia Pellegrini. 2a. ed. Campinas, Papirus.

MELIÀ, Bartomeu; GRUBERG, Georg; GRUNBERG, Friedl. 1976. *Los Pai-Tavyterã: Etnografía guarani del Paraguay contemporáneo*. . Asunción: Suplemento Antropológico.

PEREIRA, Levi Marques. 2004. *Imagens Kaiowá do Sistema Social e seu entorno*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo.

SCHADEN, Egon. 1974. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani*. 3ª ed. São Paulo: EPU/EDUSP.